

A saúde ambiental de nossas cidades passa por nossas mãos

Trechos do Relatório de Anna Aline Roque Santana

Os grãos de areia se confundem com pequenos e variados objetos que são o resultado do descuido e falta de educação ambiental dos usuários desse ambiente. Tal atitude demonstra a falta de percepção da população de que uma boa prática ambiental previne problemas e economiza dinheiro a longo prazo.

Nas proximidades do Busto de Tamandaré, cada aluno/a reservou para si uma faixa de trabalho correspondente a um metro de largura com a extensão limitada entre a calçada e a área de estada dos banhistas, nas proximidades do mar, e recolheu aí os pequenos resíduos “esquecidos” na areia pelos freqüentadores da área.

Com as próprias mãos, utilizando-se de luvas de borracha, ou com o uso de ciscadores, foram coletados diversos materiais, de características e origem bastante diversa.

Em seguida, todo o material foi devidamente selecionado, de acordo com a matéria de que se constituía, para a pesagem de cada tipo, a catalogação e quantificação de cada objeto encontrado. Separando em sacos plásticos em etapa posterior ao recolhimento, verificou-se o peso de cada tipo de material e a quantidade de sua ocorrência. Esses dados foram anotados em ficha específica para ser entregue como resultado final da atividade.

Em todo esse trabalho, nossas mãos apenas atingiram, aproximadamente, 20 centímetros de profundidade dessa pequena faixa de terra, num trabalho minucioso e ao mesmo tempo falho devido a nossas limitações táteis.

A areia que nossos olhos estão acostumados a enxergar, na verdade encontra-se misturada a um absurdo de resíduos como pequenos pedaços de papel, bitucas de cigarro, borrachas de bolas de festa, tampas de bebidas, canudinhos, cacos de vidro, entulhos de construção, restos orgânicos de comida, e muitos outros tipos, inclusive objetos inesperados como pedaços de dentadura humana.

Essa praia caracteriza-se por ser uma das mais centrais em nossa capital, onde os banhistas e turistas diariamente, e especialmente nos finais de semana, aproveitam as qualidades do sol que brilha praticamente o ano inteiro. Como conseqüência, é gerado muito lixo rico em produtos resultantes de bebidas, picolés e cocos, que refrescam os usuários do calor intenso, pois a cultura local é aproveitar a praia nas horas mais quentes, das 10 h da manhã às 2 h da tarde. Inclusive pôde-se observar que a maior parte do lixo encontra-se nas proximidades da calçada e do mar, pois esses são os locais de maior permanência dos freqüentadores, sendo evitadas as áreas mais desertas, de areia muito quente.

Por estarmos ainda em um dos primeiros meses do ano, é notável a presença de objetos deixados pela festa de reveillon, como tampas plásticas e grades de arame proveniente das garrafas de champanhe. Percebe-se que o descuido com a natureza independe da classe social. O uso correto dos depósitos de lixo espalhados nas praias parece evitado pela grande maioria da população.

Fato ainda mais agravante é perceber que muito do lixo encontrado na areia demora muito tempo até que volte a ser parte da natureza. Muitos detritos provavelmente alcançarão várias gerações de nossos descendentes. Por exemplo, as latas de alumínio, podem durar 200 a 500 anos até que a natureza possa absorvê-las totalmente; as cordas de nylon, mais de 30 anos; a madeira pintada, cerca de 13 anos; o chiclete, 5 anos; e os vidros possuem duração ainda indeterminada, assim como as borrachas.

É preciso estar ciente de que ninguém, além de nós mesmos, é responsável pelo lixo que produzimos. E que se corretamente tratado, esse lixo pode representar uma enorme fonte de riqueza e preservação dos recursos extraídos da natureza.

Para tanto é preciso que a população seja urgentemente conscientizada desse fato. Por exemplo, durante a atividade, aproximou-se um dos freqüentadores da área para conferir o que ocorria. Ao informar-lhe que estávamos a recolher e catalogar o lixo deixado na praia ele, junto com sua família, afirmou que seria muito bom que outras pessoas também fizessem aquilo que estávamos a fazer. Ora, falei para ele que mais interessante seria que ninguém deixasse lixo na praia, assim ninguém precisaria ter semelhante trabalho, cada um deveria dar o destino correto a seu próprio lixo. Diante dessa afirmação, ele concordou, um pouco envergonhado, e o fato serviu para demonstrar que são poucos os que possuem um pensamento ecológico diante dessa realidade.

Também nessa mesma oportunidade, aproximaram-se dois pequenos garotos de rua. Espontaneamente eles se dispuseram a ajudar a separar os tipos de resíduos. Enquanto trabalhávamos, conversando, eles concordavam comigo que era muito feio jogar lixo na areia e prejudicial a qualquer pessoa, que poderia, por exemplo, se machucar com pedaços de vidro ou latas enferrujadas e pregos, além do aspecto sujo deixado pelo lixo.

Ao todo foram recolhidos mais de cinco quilos de materiais de origem orgânica, madeiras, tecidos, entulhos de construção, isopor, couro, borracha, metal, plástico e vidro. Esses três últimos materiais foram levados aos recipientes de reciclagem encontrados no Supermercado Pão de Açúcar, e o restante depositado nas lixeiras da prefeitura encontradas no local.

Finalizado este grande mutirão de limpeza, tornou-se fácil perceber que a saúde ambiental de nossas cidades passa por nossas mãos, e nós a desperdiçamos. Juntos, precisamos cuidar racionalmente do mundo que é nosso e construir uma sociedade inteligente que faz bom uso e ainda reaproveita os recursos que a mãe natureza nos oferece. Somos hoje responsáveis pelo futuro do meio ambiente que será utilizado por nossos filhos